
Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário¹

Ronaldo Helal^{*}

Introdução

Desde 1998 venho estudando a forma como são “construídas” as trajetórias de vida de alguns ídolos esportivos². Essa empreitada tem consistido em investigar as mensagens sociais e simbólicas que os ídolos esportivos transmitem para a comunidade, sempre atentando sobre a forma como a mídia os legitima.

De saída, uma diferença básica entre ídolos do esporte e de outros universos, como música e dramaturgia, se mostrou reveladora. Enquanto os primeiros freqüentemente possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente possuem estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, inerente ao universo do esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) já haviam chamado a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para “redimir a sociedade”. A saga do herói clássico fala de um ser que parte do mundo cotidiano, se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, vence-os e retorna à casa dividindo os seus feitos com seus semelhantes³.

A possibilidade da construção de “ídolo-herói” transforma o universo do esporte em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos

* Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGC-UERJ).

significativos para a comunidade. Assim, venho selecionando algumas biografias expressivas do mundo esportivo com o intuito de analisá-las à luz das questões concernentes à saga do herói clássico (Campbell, 1995 e Brandão, 1993). A idéia é analisar materiais de jornal, filmes e livros sobre a vida de alguns ídolos do esporte. Dentro da fertilidade da produção de heróis que esse universo nos oferece, a pesquisa vem investigando a forma como são construídas na mídia as histórias de vida de alguns mitos do esporte, particularmente do futebol brasileiro. A quantidade de ídolos na história do nosso futebol é muito grande. Diferentes enquanto sujeitos, suas biografias podem ser agrupadas em alguns modelos singulares, próprios da cultura brasileira. Enquanto paradigmas de modos possíveis de existir, as biografias destes heróis “editadas” ou “construídas” com o auxílio da mídia falam frequentemente de trajetórias recorrentes (Coelho e Helal, 1996). Assim, agrupar alguns modelos de ídolos do futebol brasileiro e investigar a edição “midiatizada” de suas trajetórias podem nos ajudar a entender melhor a relação entre mídia e cultura popular.

Nos trabalhos produzidos até o momento⁴, fica evidente a importância do estudo da idolatria no esporte para o campo da cultura e da teoria da comunicação, principalmente para as questões relativas ao debate em torno da cultura de massa. O fenômeno da idolatria no esporte moderno encontra na mídia sua condição de possibilidade. A mídia é a mediadora por excelência da relação entre fãs e ídolos, legitimando os últimos como heróis da sociedade.

Neste ensaio é meu objetivo iniciar uma análise sobre a forma como vem sendo construída na mídia a figura de Romário. O material analisado aqui concentra-se em dois períodos emblemáticos da trajetória de Romário rumo ao posto de herói da seleção brasileira: partida entre Brasil e Uruguai nas eliminatórias para a Copa de 1994 (uma semana antes da partida e uma semana após); e Copa do Mundo de 1994 (uma semana antes do início da Copa até duas semanas após a conquista)⁵. A escolha destes períodos para a análise que se segue deve-se ao fato deles marcarem peremptoriamente o lugar de Romário no rol dos heróis do futebol brasileiro.

O herói “tipicamente brasileiro”

De certa forma, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos rumo à fama e ao estrelato apresentam muitas características semelhantes. Em quase todas observamos, por exemplo, a ênfase em uma perda ou dificuldade na infância juntamente com o talento nato que surge bem cedo. Mais adiante, temos provações no caminho do candidato a herói que, de forma arrebatadora, vence os obstáculos e retorna de sua missão dividindo sua glória com seus semelhantes. Por isso, Campbell (1995: 15) ao tratar da narrativa em torno da figura do herói afirma que “é sempre com a mesma história –que muda de forma e não obstante

é prodigiosamente constante— que nos deparamos”. No entanto, apesar das semelhanças em quase todas as narrativas, algumas diferenças são observadas e, por isso mesmo, merecem ser sublinhadas.

Na análise sobre a biografia de Zico (Helal, 1999)⁶, por exemplo, ficou evidente tratar-se de um modelo mais próximo do herói clássico, universal. Estávamos diante de uma narrativa que enfatizava sobremaneira a superação constante de vários obstáculos e a vitória conquistada primordialmente com muito trabalho, determinação e obstinação. No entanto, ali mesmo eu alertava para o fato desta biografia ser antagônica ao modelo de herói mais predominante no Brasil:

“A biografia de Zico ao enfatizar, de forma peremptória, o sucesso através do esforço e do trabalho, se junta aos modelos de heróis mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo. Este modelo é antagônico ao padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas, por assim dizer, ‘oficiais’—nas quais a mídia é o instrumento legitimador— no Brasil. Aqui, temos frequentemente um ideal ‘essencializado’ de seres ‘moleques’ e ‘irreverentes’(...)” (Helal, 1999: 42).

O diferencial nas narrativas brasileiras estaria centrado justamente no predomínio da ênfase na conquista através da “genialidade”, “irreverência” ou “malandragem”. E os recursos acionados pela mídia na construção da figura de Romário enfatizam sobremaneira estes atributos considerados pela sociedade como “tipicamente brasileiros”. Este modelo de herói que podemos denominar como “Macunaíma” ou “Malasartes”, passa a ser mais predominante no país a partir da urbanização das cidades brasileiras e sob a influência do movimento Modernista⁷.

Notemos ainda que a trajetória de Romário rumo ao estrelato coincide justamente com o encerramento da carreira de Zico, em fevereiro de 1990. Apesar de polêmico e de ter suas atitudes criticadas por muitos, Romário foi, durante a década de 90, o atleta de futebol mais festejado pela mídia e torcida brasileira.

A missão de salvar a pátria

A consagração maior de Romário veio com a conquista da Copa do Mundo de 1994 e a trajetória do jogador neste período é rica em elementos sociológicos que podem servir como chave para uma compreensão do fenômeno da idolatria na cultura brasileira.

Nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, chegou um momento em que a seleção brasileira precisava vencer a do Uruguai para garantir sua vaga. Romário, que tinha sido afastado da seleção em dezembro de 1992, por ter se recusado a ficar na reserva em uma partida amistosa contra a Alemanha, é

convocado pelo então técnico Parreira para a partida decisiva. Na época, havia dúvidas entre os integrantes da comissão técnica com relação à convocação do atacante, por conta de problemas disciplinares. No entanto, sob forte pressão da mídia e de torcedores e devido aos resultados pouco convincentes da seleção, Parreira decide convocá-lo para a partida contra o Uruguai.

Guedes (1995: 27), analisando a mesma temática, nos lembra que Romário já era famoso internacionalmente como um dos melhores atacantes do futebol brasileiro e por isso, “sua longa ausência do selecionado revela, com a mais absoluta transparência, a predominância do valor disciplina, compreendido aqui como obediência cega às determinações da equipes técnica e dirigente (...)”. Esta colocação é importante no sentido de ficarmos atentos para o fato de que foram as qualidades excepcionais de Romário que o trouxeram de volta à seleção, desafiando o processo de “disciplinarização” daquela comissão técnica. Assim, o “desempenho” de Romário confronta-se com a “disciplina” imposta na seleção. E este jogo de forças será marcado por uma tensão muito grande durante todo o período, até a conquista da Copa do Mundo de 1994.

O fato é que Romário retorna, desta feita, com a missão de salvar a seleção de uma possível eliminação. Monta-se, assim, o palco para uma trajetória mítica pontuada por lances que nos remetem, por um lado, à saga clássica do herói e, por outro, ao “tipo ideal”⁸ de herói brasileiro.

A manchete do *O Globo* de 8 de setembro de 1993 estampava: “Os Uruguaios que se cuidem”. Era uma alusão à chegada de Romário e o texto desta matéria enfatizava o retorno do “verdadeiro futebol brasileiro” à seleção. Em um *box* no canto da página temos uma reportagem com o título “Um Craque Indisciplinado Desde as Seleções Amadoras” em que são lembrados, em ordem cronológica, vários atos de irresponsabilidade e indisciplina do jogador. No entanto, a matéria ameniza os atos ressaltando os gols do atleta. Ou seja, temos aqui o exemplo do “desempenho” como categoria que possibilita a redenção do próprio atleta e não somente como esperança de êxito na Copa do Mundo. Na página seguinte, uma entrevista com o jogador que diz em um determinado momento: “sei que sou bom e estou em boa fase (...) Eu sempre soube fazer gols e isso é o que todo mundo quer. Em 13 jogos no Barcelona já fiz 17 gols. Na Holanda, em 142 jogos fiz 148 gols. Por isso eles gostam de mim”. Este excesso de confiança e individualismo que costuma ser interpretado como arrogância e egoísmo, é amenizado em uma nota que destaca os atos altruístas de Romário, como por exemplo, a preocupação de ajudar parentes e amigos.

Curioso notar que esta “sinceridade” em se achar bom e competente não é uma atitude muito comum no Brasil. Roberto Da Matta (1977), por exemplo, já tinha sublinhado o fato de que, diferente da sociedade americana, dificilmente um brasileiro se diz bom em alguma coisa. A falsa modéstia é uma vertente muito mais comum e recorrente em nossa cultura. Romário consegue com esta faceta de

sua personalidade confundir e até mesmo polemizar com aqueles que o idolatram⁹.

Desde sua chegada, o noticiário esportivo produziu um número expressivo de matérias sobre seu passado e sua “missão redentora”. A ênfase frequentemente recaía na “malandragem” unida à competência do atleta em fazer gols. No dia 12 de setembro de 1993, *O Globo* estampava na página de esportes “O Pequeno e Travesso Romário”. A pouca estatura e as “travessuras” ajudam a compor o que nós, brasileiros, costumamos idealizar como a “malandragem positiva”, ou seja, o sujeito que é ao mesmo tempo “ingênuo” e “astuto”, cheio de “ginga”, “malícia” e “picardia”¹⁰. No texto da matéria, uma menção do pai de Romário reforça o estereótipo de “marrento” como algo nato, que já nasceu com o jogador: “já era um baixinho invocado – lembra seu Edevair”. “Marrento” e “invocado” falam de uma característica de se envolver em brigas, confusões, ter um temperamento “tinhoso”, “difícil”. Na mesma edição, temos um box com o sugestivo título “Brigas, nunca mais”, em que Romário se diz amadurecido e ter aprendido muito com as “confusões” que se envolveu ao longo de sua carreira.

Os recursos acionados pela mídia nesta construção vão formando um personagem singular, “irreverente”, de “temperamento difícil”, mas amadurecido, sabendo dosar o lado “marrento”. Ou seja, sabendo ser “malandro”, não confrontando-se mais de frente com as forças do sistema, mas caminhando na fronteira entre a ordem e a desordem¹¹. Assim, Romário é o protótipo do candidato a herói “tipicamente brasileiro”. Resta a conquista da missão que lhe foi concedida para que o posto de herói seja alcançado.

De forma emblemática a matéria com a manchete “Um Príncipe do futebol-moleque” (*O Globo*, 13/09/1993) inicia da seguinte forma:

“Irresponsável. Irreverente. Irrequieto. Egoísta. Debochado. Abusado. Explosivo. Quase uma bomba que tem pernas. Autoritário. Radical. Parece o dono do mundo. Talentoso. Rápido. Craque. Artilheiro. Faz gol como quem brinca. Baixinho. Pernas arcadas. Língua presa. Biotipo plebeu para um príncipe do futebol-moleque: Romário”.

As primeiras características apontadas no texto nos remetem a uma personalidade negativa, de certa forma repudiada pela sociedade. No entanto, logo a seguir surgem as características positivas de “brasilidade”: artilheiro, craque, “faz gol como quem brinca”, reforçando assim o lado “lúdico”, “alegre”, “criança” e “ingênuo” de Romário.

E mais adiante, como que para amenizar os atributos negativos apontados no início do texto temos o seguinte:

“(…) Mas há nele um lado altruísta. Desde a típica primeira atitude do generoso garoto pobre que sobressai no futebol – adquirir uma casa para a

família– até a defesa de companheiros que mal conhece, como um episódio em que comprou a briga do então pouco famoso Lira com o técnico Lazaroni, no Vasco, em 1987”.

O altruísmo se confronta assim com o egoísmo e o individualismo, compondo um personagem dúbio mas que, no entanto, torna-se coerente com a destreza e habilidade do jogador em superar dificuldades no campo de jogo. Apesar da ênfase do tipo “sou bom” ou “sou o melhor”, repetida por Romário em diversas entrevistas, as conquistas no terreno futebolístico, ainda mais em uma Copa do Mundo, são compartilhadas com os torcedores, fãs e entusiastas do esporte. Ou seja, independente das ações altruísticas de Romário fora de campo, vez por outra noticiada na mídia, suas conquistas, em termos de seleção, serão sempre a de todos os brasileiros.

Notemos também que o elemento de “picardia” é louvado como o retorno do que convencionamos chamar no Brasil de “futebol-arte”. Esta é uma discussão que começou na Copa de 1958, quando a seleção enfrentou o “futebol-científico” da então União Soviética. De lá para cá, a dimensão dada a esta oposição tornou-se singular para se entender o fenômeno futebolístico no país e sua correlação com a cultura. Atentemos para o fato de que quando estamos diante de campeonatos locais e nacionais, a discussão entre “arte” e “força”, torna-se secundária e a ênfase no discurso da vitória recai sobre elementos tais como “união”, “conjunto” e “determinação”. Ocorre que a seleção brasileira tem o poder de se transformar em metáfora da nação, na “pátria de chuteiras”, como muito bem alcinhou o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues décadas atrás¹². Aqui, principalmente em Copas do Mundo, tendemos a valorizar o lado mais estético, alegre, criativo, e “artístico” do futebol, como sendo características típicas da sociedade brasileira.

Assim, no dia 15 de setembro daquele ano, a matéria com o título “Irreverência e Habilidade na Granja. É Romário” apresenta, logo de início, o sugestivo texto: “o mesmo jeito relaxado, de pouco empenho e até uma certa má vontade no aquecimento. Na hora da bola rolar, malícia, habilidade e competência.” Temos então que a malícia e a habilidade se sobrepõem ao treino e à preparação física. Como a seleção não vinha apresentando um futebol considerado “arte” pela mídia –em várias reportagens anteriores comentava-se que estava faltando “alegria”, “picardia”, enfim “malandragem” na seleção– o retorno de Romário tornava a seleção mais “brasileira”. Ou seja, no imaginário da identidade nacional do Brasil, Romário aparece como o elemento capaz de nos fazer reconhecer no futebol da seleção.

Curioso notar que em um *box* nesta mesma edição a reportagem “A dupla dos sonhos não se entrosa fora dos gramados” enfatiza a diferença entre Romário e Bebeto, seu companheiro de ataque. Bebeto faz o estilo bom moço, bem comportado, segue à risca o treinamento, obedece as leis, não discute com o

treinador, etc. Já Romário não gosta de treinar, desafia o comando e os regulamentos impostos. O antagonismo entre os dois é enfatizado posteriormente em várias outras notas e reportagens, compondo um quadro que parece ter a intenção de juntar o “malandro” com o “caxias”¹³.

No primeiro treino para a partida decisiva, o noticiário ressalta o entrosamento da dupla Romário-Bebeto, mas sempre enfatizando o lado “malandro” do primeiro. Na matéria publicada em 15 de setembro de 1993, sob o título “Dez para a dupla diabólica” temos o seguinte destaque: “Romário, com jeito moleque, disse que nem sabia quantos gols tinha feito (marcou três...)”. Em um *box* com o título “Romário, um craque até na arte de provocar risos” temos a seguinte declaração do atleta: “antes eu era o problemático, o polêmico... salvador da pátria, vai ser mole para mim” e ainda falando sobre o adversário: “não sei o nome de nenhum zagueiro, nem quero saber. Para mim, com líbero ou cinco laterais é a mesma coisa. O único que me chateia é o goleiro, que tira os gols da gente”.

A ciência que Romário tem de seu papel naquele momento assemelha-se ao início da saga clássica do herói que atende ao chamado e parte em busca da missão redentora (Campbell, 1995 e Brandão, 1993). Porém, Romário age com uma boa dose de picardia ao tratar da missão como algo fácil e encarar os adversários com um certo ar de deboche, nos fazendo lembrar de Garrincha, “a alegria do povo”, o herói brasileiro cuja biografia antagonizava com a de Pelé na década de 60¹⁴.

A saga do herói e a mitificação da mídia

Veio a partida contra o Uruguai e Romário, autor dos dois gols da vitória por 2 a 0, “veste” a capa do “herói”, do “redentor”, do “salvador”, daquele que “ouve o chamado, partiu para a missão e saiu-se bem sucedido, dividindo o feito com seus semelhantes” (Campbell, 1995).

No dia seguinte à partida a manchete da edição de esportes de *O Globo* estampava “O Show de Romário” com o seguinte texto:

“O futebol agradece a Romário. Os torcedores santificam Romário. Zagalo aplaude Romário. Bebeto quase chora ao lado de Romário. O mundo se rende a Romário. Não é exagero... O pequeno atacante do Barcelona cumpriu tudo o que prometera durante a semana. Fez os dois gols da vitória por 2 a 0 sobre o Uruguai (...) e deu autêntico show, ontem no Maracanã, para delírio de mais de cem mil torcedores (...) Romário é craque. Romário é arte. Romário é gol(...) O Indisciplinado, rebelde, irreverente, o atrevido baixinho nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha provou que sua arte dentro do campo compensa seus eternos problemas e até a má vontade para treinar” (*O Globo*, 20/09/93).

A promessa tinha sido cumprida. o Brasil vencera o Uruguai com dois gols de Romário e estava classificado para a Copa do Mundo de 1994. A narrativa enfatiza sobremaneira a conquista com “show” e “arte”, atributos que redimem Romário das “indisciplinas”, do “atrevimento” e da “má vontade para treinar”. De forma emblemática, contribuindo para a construção da narrativa mítica, o texto diz que “o mundo se rende a Romário”, ressaltando no final tratar-se de um “atrevido baixinho nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha”. A ênfase em uma origem pobre é uma constante em quase todas as narrativas das biografias de nossos heróis futebolísticos. Aqui gostaria de chamar a atenção para o estudo, já considerado clássico, de Umberto Eco sobre o mito do *superman*. Em sua análise, Eco (1979: 247) chamava a atenção sobre a possibilidade do sucesso do herói das histórias em quadrinhos estar ancorado justamente no fato dele sair das vestes de um homem comum, de “um tipo aparentemente medroso, tímido, de medíocre inteligência, um pouco embaraçado, míope (...) Desta forma:

“Através de um óbvio processo de identificação, um *accountant* qualquer de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de que um dia, das vestes de sua personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade” (Eco, 1979: 248).

A ênfase na origem pobre de Romário contribui para uma maior identificação do ídolo, do herói com seu público. Não que esta origem não corresponda a realidade. Certamente ela é verdadeira. Estou chamando a atenção para a dimensão dada a ela. E, neste sentido, a narrativa mítica em torno da biografia de Romário assemelha-se a de quase todos outros heróis do nosso futebol. Encontramos freqüentemente neste universo narrativas que enfatizam a passagem do anonimato para a fama e da pobreza para a riqueza¹⁵.

Porém a construção da biografia de Romário é também pontuada por passagens que “glamourizam” a malandragem, a irreverência, o deboche e o relaxamento (não gostar de treinar). É como se estivéssemos diante da vitória construída somente com talento e arte, como se trabalho, concentração, determinação e esforço fossem elementos dispensáveis para o êxito. E, neste sentido, a biografia de Romário antagoniza com a de Zico, o maior ídolo da década de 80, conforme mencionei anteriormente e voltarei a falar mais adiante.

Durante a Copa do Mundo de 1994, a pressão sobre a missão de Romário vai ganhando um novo contorno: o atleta deveria, além de ganhar a Copa, fazer a seleção jogar o “verdadeiro futebol brasileiro”. Descontentes com o esquema tático utilizado pelo técnico da seleção, jornalistas e colunistas não poupavam críticas à forma de se apresentar da seleção. Romário passa a ser visto como o único jogador capaz de resgatar a “brasilidade” na seleção. Além disso, Romário, volta e meia, desafiava a comissão técnica dando declarações de insatisfação com as apresentações da seleção. Ele passou, assim, a ter voz e um espaço considerável na mídia¹⁶.

Uma semana antes da estréia contra a Rússia, o noticiário já se voltava para Romário dividindo-se em relatos de seu temperamento rebelde e de sua consciência da missão que lhe era atribuída: ganhar a Copa¹⁷. A rebeldia de Romário é tratada de forma positiva como, por exemplo, na matéria “A dura missão de Dunga: domar o irreverente Romário” (*O Globo*, 16/06/94). Aqui, o texto destaca declarações de Dunga de que Romário está amadurecido, mais consciente de seu papel na seleção como um dos líderes. Interessante notar que é justamente Dunga, o emblema do jogador limitado tecnicamente, mas que se “esforça” o tempo todo e cumpre à risca as determinações táticas, quem tem autoridade para falar de Romário. O jogador que tinha sido marcado negativamente na Copa de 1990 –“Era Dunga”¹⁸– como o exemplo do futebol que o Brasil deveria execrar, surge como o atleta que tem a missão de “domar o irreverente Romário”. Dunga está para a “ordem”, assim como Romário está para a “desordem”. Ou seja, temos aqui de forma paradigmática a convivência da “ordem” com a “desordem”. E mais ainda a evidência do freqüente processo de redenção que o universo esportivo nos oferece¹⁹. Dunga teria a oportunidade de se redimir da fama que lhe impuseram na Copa anterior. Podemos especular sobre a possibilidade de que o fato dele ser o capitão da equipe e dividir o quarto com Romário, uniu de forma emblemática, o que se convencionou chamar de “futebol de resultados” (uma variação do “futebol-força”) com o “futebol-arte”, ou a “disciplina” com a “indisciplina”²⁰.

Após a vitória na estréia contra a Rússia por 2 a 0, a anquete da seção de esportes de *O Globo* dizia “Vila da Penha 2 X 0 Kremlin” com o seguinte texto: o Kremlin ser rendeu à Vila da Penha do baixinho invocado: a estréia da seleção, uma maiúscula vitória por 2 a 0 sobre a Rússia, foi o jogo de Romário”. Mais uma vez, a mídia recorre a elementos ligados à origem pobre do brasileiro. Porém, esta origem é tratada de forma positiva, pois é através dela que temos a “brasilidade” de Romário. A ciência da missão de ganhar a Copa é enfatizada mais uma vez em “O Gênio da área –Romário diz que apenas começou a jogar” (*O Globo* 22/06/94) com a seguinte declaração: “o gol na estréia foi só o começo. Já disse que esta Copa é minha”²¹.

A partir daí o que temos é uma sucessão de declarações de Romário dizendo que “vai ganhar a Copa para o Brasil”²², manchetes e textos que enfatizam sobremaneira a “brasilidade” de seu futebol como, por exemplo, na matéria “Romário salva a batucada” (*O Globo* 5/07/94), publicada no dia seguinte à vitória sobre os Estados Unidos. O texto, após ressaltar as dificuldades pela qual a seleção passou durante a partida contra os Estados Unidos, destaca: “mas o Brasil tem a ginga de Romário, o solista que a Vila da Penha deu à seleção para resolver as coisas”²³.

Partida após partida, estas matérias vão se repetindo e terminam por “construir” um personagem heróico, com os atributos daquilo que

“essencializamos” como sendo “tipicamente brasileiro”. Assim, em “Romário, o nome do tetra verde e amarelo” (*O Globo*, 18/07/93) temos o seguinte:

“O tetracampeonato tem nome, sobrenome e origem: Romário de Souza Faria, de 28 anos, nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha. Por isso mesmo, o tetra não poderia ser mais brasileiro, mais verde e amarelo. A trajetória de Romário é a cara do futebol do país. Dos campinhos de terra batida de um subúrbio do Rio até o Maracanã, a Europa, os EUA...o mundo. Ver Romário campeão é acreditar que o Brasil do jeito que a gente conhece pode ser mais. Pode ser campeão mundial” (...) A fala cheia de gírias, os dribles que derrubam a lenda de que no futebol moderno não há lugar para a habilidade –dribles de uma petulância só admissível nos campinhos da Vila da Penha. Romário é assim. Já disse que, para ele, qualquer jogo é uma pelada em seu subúrbio. O que faz lembrar um atacante de pernas tortas, campeão do mundo, que chamava todos os laterais de João (...)”.

Fecha-se, assim, um círculo iniciado com a convocação de Romário para a partida contra o Uruguai pelas eliminatórias da Copa do Mundo. O “indisciplinado” Romário, através do excepcional talento, venceu a “disciplina” –“os dribles derrubando a lenda de que no futebol moderno não há lugar para a habilidade”. A origem humilde somada a “fala cheia de gírias” conferem peremptoriamente o caráter de brasilidade ao herói, fazendo nos sentir ainda mais singular. Na edição “midiatizada” evidencia-se ainda um discurso do futebol como metáfora da nação bem como da junção do indivíduo com o coletivo: “ver Romário campeão é acreditar que o Brasil do jeito que a gente conhece pode ser mais. Pode ser campeão mundial”. A vitória de Romário é a de todos nós e a referência à Garrincha ao final do texto, contribui ainda mais para conferirmos características de “brasilidade” –bem ao estilo Macunaíma– do novo herói.

Considerações finais

Na edição da biografia de Romário como o herói da conquista da Copa do Mundo de 1994, os recursos acionados pela mídia construíram um personagem singular na nossa cultura. A “indisciplina” de Romário transformou-se em um ato de rebeldia política contra uma ordem estabelecida que primava pela disciplina e rigidez de esquema tático, violentando, assim, as características consideradas “brasileiras” de jogar futebol. A autoridade conferida a Romário naquele período evidencia-se de forma clara em vários momentos em que o atleta critica o sistema de jogo da seleção²⁴. Aos poucos, o Romário fora de campo, passa a ter características de um rebelde “com causa”, mais “politizado, ainda que “malandro” (fala cheia de gírias), unindo em sua figura tanto o elemento Macunaíma como o “Contestador Político”²⁵.

Ressaltamos também que as exigências que fazemos quando a seleção está jogando voltam-se freqüentemente para o estilo de jogo. Como esporte de massa, o futebol jogado no cotidiano brasileiro não produz com a mesma intensidade os discursos de “futebol-arte” que é reivindicado quando a seleção está jogando. Nos campeonatos locais e nacional, o discurso futebolístico raramente transcende o universo do esporte²⁶. Mas o que importa aqui é que a valorização do lado estético deste estilo de jogo nos remete à que idealizamos em nossa cultura, onde o “talento” e “irreverência” predominam sobre o “esforço” e a “disciplina”²⁷.

Por isso, chamei atenção em alguns momentos para a biografia de Zico como um modelo antagônico ao de Romário. De fato, a construção da narrativa mítica em torno de Zico é toda pautada no predomínio do trabalho, do esforço e da disciplina, aproximando-se assim das narrativas mais universais, clássicas da saga do herói. O fato de antagonizar com a biografia de Romário, esta com estilo que “essencializamos” como sendo “tipicamente brasileiro”, não significa que a biografia de Zico não seja cultuada no país. O que ocorre é que quando nos referimos à Zico, estamos lidando com o nosso lado mais disciplinado, mais ordeiro que fica estrita e primordialmente localizado em alguns momentos isolados, como no próprio culto a esta biografia. Já quando falamos de Romário, apesar de dividir mais opiniões do que Zico²⁸, estamos lidando com as “essencializações” que fazemos de nós mesmos, como seres mais “irresponsáveis”, “irreverentes” e “indisciplinados”, com tudo de bom e de ruim que estes atributos carregam. A diferença é que a biografia de Romário lida com aspectos mais impregnados em nosso imaginário, não ficando restritos a sua biografia. Os atributos ressaltados na biografia de Romário são os mesmos que destacamos na representação que fazemos de nós diante de um estrangeiro²⁹.

Bibliografía

- Brandão, Junito de Souza 1993 *Mitologia Grega, vol. 3* (Petrópolis: Vozes).
- Campbell, Joseph 1995 *O Herói de Mil Faces* (São Paulo: Cultrix).
- Coelho, Maria Claudia e Helal, Ronaldo 1996 “A Indústria Cultural e as Biografias de Estrelas: as histórias de Babe Ruth e Tina Turner” em *Cadernos Pedagógicos e Culturais* (Niterói: Centro Educacional de Niterói) Vol. 5 n°2.
- DaMatta, Roberto 1977 *Ensaio de Antropologia Estrutural* (Petrópolis: Vozes).
- DaMatta, Roberto 1979 *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro* (Rio de Janeiro: Zahar).
- Eco, Umberto 1979 *Apocalípticos e Integrados* (São Paulo: Perspectiva).
- Guedes, Simoni L. 1995 “O Salvador da Pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994”, em *Pesquisa de Campo* (Rio de Janeiro: Núcleo de Sociologia do Futebol/Universidade do Estado do Rio de Janeiro) N° 1.
- Gordon, César e Helal, Ronaldo 2001 “The Crisis of Brazilian Football: perspectives for the twenty-first century” em J. A. Mangan e Costa, L. (orgs.) *Sport in Latin American Society: past and present* (Essex: Frank Cass Publishers).
- Helal, Ronaldo 2000 “Campo dos Sonhos: esporte e identidade cultural”, in *Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física* (Santa Maria: CEFD/Universidade Federal de Santa Maria) Vol. 3 ano 3.
- Helal, Ronaldo 2000 “As Idealizações do Sucesso no Imaginário Brasileiro”, em Alabarces, Pablo (org.) *Peligro de Gol: estudios sobre deporte y sociedad en America Latina* (Buenos Aires: CLACSO).
- Helal, Ronaldo 1998 “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói” in *Motus Corporis* (Rio de Janeiro: Editora Gama Filho) Vol. 5 N° 2.
- Helal, Ronaldo e Gordon, César 2001 “Futebol - Mitos e Representações do Brasil” em Villaça, Nízia e Goés, Fred (orgs.) *Nas Fronteiras do Contemporâneo: território, identidade, arte, moda, corpo e mídia* (Rio de Janeiro: Mauad).
- Morin, Edgar 1980 *As Estrelas de Cinema* (Lisboa: Horizonte).
- Rodrigues, José Carlos 1992 “O Rei e o Rito” in Rodrigues, José Carlos *Ensaio em Antropologia do Poder* (Rio de Janeiro: Terra Nova).
- Soares, Antônio Jorge 1994 *Futebol, Malandragem e Identidade* (Vitória: Secretaria de Produção e Difusão cultural).

Notas

1 Este artigo foi apresentado no Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade” no 11º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação –COMPÓS 2002– realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2 Estes estudos fazem parte do projeto de pesquisa “Meios de Comunicação, Idolatria e Cultura Popular no Brasil”, apoiado pelo CNPq.

3 Ambos espaços da produção cultural como música e esportes podem produzir celebridades com o estatuto de herói. Apenas enfatizo o fato do universo esportivo ser mais propício à produção de heróis.

4 Ver por exemplo os seguintes artigos já publicados: “Campo dos Sonhos: esporte e identidade cultural in *Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol. 3, ano 3 - CEFD / Universidade Federal de Santa Maria, 2000; “As Idealizações do Sucesso no Imaginário Brasileiro” in *Logos* nº 10, Faculdade de Comunicação Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999 e “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói” - *Motus Corporis* –vol. 5, n. 2– Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física da Universidade Gama Filho, Editora Gama Filho, 1998.

5 Sou grato aqui ao meu bolsista de iniciação científica da Uerj, Gerardo Catunda Martins Júnior, pela coleta do material impresso. A coleta foi feita sobre o jornal *O Globo* e envolveu também os seguintes períodos: vinda para o Flamengo em 1995, ano do centenário do clube, incluindo aí o desentendimento com o atleta Sávio na época tido como sucessor de Zico no Flamengo; o corte na Copa de 1998; a saída do Flamengo e a ida para o Vasco. A seleção destes períodos deveu-se à percepção do pesquisador, no acompanhamento diário do noticiário esportivo, de que estes períodos foram aqueles em que o atleta teve maior exposição na mídia. Este material será analisado em uma outra etapa.

6 O mesmo artigo foi publicado posteriormente em Albarces Pablo (org.) *Peligro de Gol: estudios sobre deporte y sociedad*, Buenos Aires, Clacso, 2000, e em Helal, Ronaldo, Soares, Antônio J. e Lovisolo, Hugo *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*, Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

7 Podemos especular ter sido este modelo construído como uma forma de romper com o modelo mais ordeiro, positivista, que predominava no século anterior e que inclusive inspirou os dizeres “ordem e progresso” da nossa Bandeira.

8 No sentido weberiano da expressão, reunindo os traços dominantes, as características mais significativas de um sistema, uma “construção abstrata

que o pesquisador faz no processo de apreensão de um fenômeno social, a partir de sua diversidade no real” (Soares,1994).

9 Em entrevistas informais com alunos que o tem como ídolo, todos amenizavam esta “sinceridade” ou “arrogância” com um “no fundo ele não é nada disso” ou “ele é muito simples e incompreendido”.

10 DaMatta (1979) já apontava para o fato de que a malandragem fica a um passo da marginalidade. Ver também Soares (1994).

11 Mais uma vez, ver DaMatta (1979) e Soares (1994).

12 Apesar de que a metáfora vem perdendo força nas últimas décadas, como César Gordon e eu mostramos em outras ocasiões. Ver por exemplo “A Crise do Futebol Brasileiro e a Pós-Modernidade: perspectivas para o século XXI” in *CD-ROM da COMPÓS 2001*; “The Crisis of Brazilian Football: perspectives for the twenty-first century” –in J. A. Mangan e COSTA, Lamartine (orgs.) *Sport in Latin American Society: past and present*– Essex: Frank Cass Publishers, 2001; “Futebol- mitos e representações do Brasil” in Villaça, Nízia e Goés, Fred (orgs.) *Nas Fronteiras do Contemporâneo: território, identidade, arte, moda, corpo e mídia* –Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

13 Ver, por exemplo, a matéria “Romário e Bebeto, tabela incompleta” (*O Globo*, 19/09/93).

14 Não estou com isso dizendo que a biografia de Garrincha fez mais sucesso do que a de Pelé. Apenas enfatizo a “glamourização” de uma biografia malandra em contraponto a uma outra mais ordeira, mas não necessariamente “caxias”.

15 Ver por exemplo a análise de Rodrigues (1992) sobre a biografia de Pelé, e Coelho e Helal (1996) analisando as biografias do lendário jogador de beisebol Babe Ruth e da cantora de rock Tina Turner.

16 Interessante notar que a rebeldia mais ao estilo “Macunaíma”, hedonista, “não gostar de treinar”, ser “preguiçoso”, vai dando lugar a uma rebeldia mais “politizada”, “denunciadora”. Para uma discussão mais detalhada desta transformação da rebeldia “Macunaíma” para uma “politizada”, ver, mais uma vez, o trabalho de Guedes (1995).

17 Ver por exemplo a matéria “Romário: Sou um vencedor. Vou arrebentar nesta Copa” (*O Globo*, 16/06/94)

18 Esta expressão foi alcunhada pelo técnico da seleção brasileira de 1990, Sebastião Lazaroni”, para exprimir o estilo de jogo que pretendia adotar na Copa do Mundo. Com a derrota do Brasil para a Argentina, a mídia “decretou” em diversas reportagens o fim da “Era Dunga”.

19 Ver Helal (2000).

20 Com o cuidado de, no entanto, observarmos que “disciplina” não se relaciona automaticamente com “futebol de resultados”, assim como “indisciplina” não se equaciona automaticamente com “futebol-arte”. Zico e Falcão, por exemplo, eram “disciplinados” e praticavam o “futebol-arte”. Já Serginho Chulapa, centro-avante da seleção na Copa do Mundo de 1982, era indisciplinado e nunca foi representante do “futebol-arte”. A sedução pelo maniqueísmo termina muitas vezes por impregnar o jornalismo esportivo de equações simplistas. Mas isso é tema para um outro trabalho. Fiquemos aqui com o fato de que a “indisciplina” de Romário é muito mais observada fora de campo (atraso aos treinos, por exemplo) do que dentro de campo, onde raras vezes é expulso ou mesmo advertido pelo árbitro. No caso em questão a indisciplina de Romário passa a ser vista na imprensa como positiva, no sentido de desafiar os considerados rígidos padrões de disciplina tática impostos pela comissão técnica daquela seleção.

21 Uma outra afirmação de Romário destacou-se no noticiário do dia 21 de junho de 1994: “foi uma estréia na Copa. Mas encaro todos os jogos como se fossem uma pelada” (*O Globo*, 21/06/94). Esta afirmação e o destaque dado a ela, lembrou, uma vez mais, Garrincha na Copa de 1958 onde ele teria dito que chamava todos os marcadores de “João” 13.

22 Ver por exemplo “Romário - Fico mais à vontade na hora de decidir” (*O Globo*, 13/07/94)

23 Ver também “Brasil na Cabeça: Romário” (*O Globo* 14/07/94) com o destaque para o sub-título: “o Brasil precisou esperar nervosa e pacientemente por 80 minutos para se lembrar do óbvio: O Brasil tem Romário”.

24 Ver por exemplo “Romário critica. Parreira se cala” (*O Globo* 06/07/94) e “Esta Copa foi Minha” (*O Globo*, 18/07/94).

25 Notemos que hoje em dia esta junção torna-se ainda mais evidente. Fora de campo, Romário, tanto no Flamengo, quanto no Vasco ou na seleção, passou a ser voz reivindicadora dos direitos dos jogadores.

26 Aqui valoriza-se a união do grupo, o conjunto, a determinação e aplicação tática, características inerentes aos esportes de equipe, conforme sublinhei anteriormente.

27 Basta observarmos, por exemplo, a edição que se faz com o estudante que passa em primeiro lugar no vestibular. Diz-se sempre que ele (ou ela) levou uma vida normal, namorou, foi ao cinema e à praia, etc., quando freqüentemente sabemos que o estudante passou horas dos dias estudando para a prova. No próprio universo do futebol, chamar alguém de “esforçado” é o mesmo que dizer que ele não sabe jogar bola.

28 Percepções do autor baseadas no acompanhamento diário do noticiário esportivo no país.

29 O mais curioso é que Romário contribui ainda mais para o antagonismo das duas biografias ao declarar que “Zico nunca foi nada na seleção” (*O Globo*, 13/07/94). Esta e outras declarações de Romário em relação à Zico, aparecem ao longo da década de 90, culminando com o corte do jogador da seleção em 1998. Mais importante ainda foi o fato de Romário, após a Copa de 1994, ter jogado no Flamengo por quase 5 anos, clube que tem Zico como seu maior ídolo. Conforme mencionei na nota quatro, este período será analisado em uma outra etapa.